



**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
-------------------------------------------------------------------------------	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
-----------------------------------------------------------------------------------------	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
------------------------------------------------------------	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

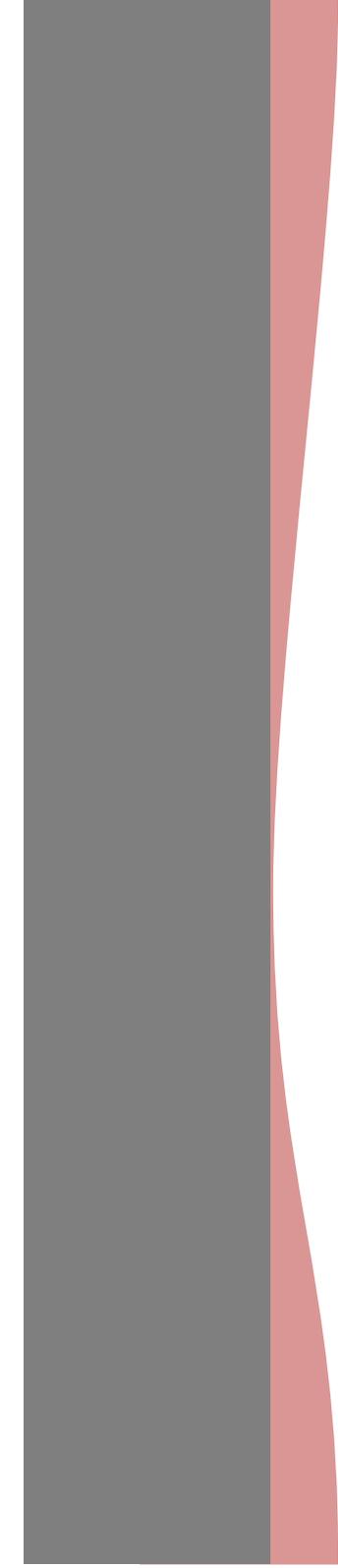
PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE II

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS
EM ESPAÇOS TEMPOS DE
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
CULTURA**

PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

*Iguatemi Santos Rangel*⁶⁰

*Amanda Xavier*⁶¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar como se desenvolveu o projeto “Contos que Encantam”, uma ação de extensão vinculada ao Programa de Educação Tutorial - PET Licenciatura-UFES, entre os anos de 2014 a 2015. O referido projeto teve como objetivo proporcionar experiências narrativas em torno da contação de histórias visando desenvolver o gosto e o interesse pela leitura, especialmente pela literatura produzida no Estado do Espírito Santo. O texto, além da descrição das atividades do projeto, se propõe fazer algumas reflexões acerca da contação de histórias em espaços escolares e não escolares apontando desafios e também possibilidades para sua realização. As problematizações são feitas tomando como referências Benjamim (1979) Larrosa (2001) com suas críticas a sociedade moderna, a aceleração do tempo e o declínio da experiência “narrativa”, e também por meio de seus interlocutores nos campos da educação e da contação de história. As experiências vivenciadas ao longo do projeto nos ajudou reafirmar a compreensão de que as narrativas nos ajudaram a pensar possibilidades de discursos emancipatórios e de afirmação das narrativas orais como possibilidades de incentivo à leitura.

Palavras chave: Contação de histórias; Incentivo à leitura.

⁶⁰ Professor doutor em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: iguarangel@gmail.com

⁶¹ Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: amandaxaviex@gmail.com

INTRODUÇÃO

Há tempos percebemos que a sociedade se encontra em constante aceleração, há uma sensação generalizada de que não temos tempo para nada, fazemos tudo o que precisamos, nos movimentamos a todo o momento, mas não nos damos por satisfeitos, queremos estar sempre atualizados com o mundo e com as informações que nos cercam, e pecamos no excesso de trabalho, na pressa e consequentemente acabamos por “perder tempo”. Como afirma Larrosa (2002, p. 20), “[...] nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”, temos nos distanciado do contato físico com o outro, com a experiência trocada de boca em boca, pois, segundo Benjamin (1979, p. 10),

[...] torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta do embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de troca de experiências.

Se por um lado a tradição oral é uma fonte inesgotável do saber, patrimônio imaterial do povo, por outro acaba por cair em desuso, devido ao processo de globalização que tende a esmagar as culturas minoritárias em favor das culturas hegemônicas de nossa sociedade, condenando ao desaparecimento as culturas que não dominam a economia global, difundidas pelos meios de comunicação, “[...] a televisão está entrando nos templos tradicionais da palavra” (NKAMA, 2012, p. 252).

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa

obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2002, p. 22).

Benjamin (1979) afirma que esse excesso de informação culminou em uma ameaça para as narrativas, pois a autoridade de que antes ela dispunha, que lhe conferia validade sem precisar necessariamente de um controle sobre as notícias que vinham da distância temporal (das tradições) ou espacial de (terras distantes), acabou por ser posta à prova visto que a informação exigia de pronto sua verificabilidade e veracidade, adquirindo primazia de ser “inteligível por si mesma”, dessa forma a informação se mostrou incompatível com o espírito da narrativa “[...] se a arte de narrar rareou, então a difusão da informação teve nesse acontecimento uma participação decisiva”, pois,

[...] somos pobres em histórias notáveis. Isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações. Em outras palavras: quase mais nada do que acontece beneficia a narrativa, tudo reverte em proveito da informação. Com efeito, já é metade da arte de narrar, liberar uma história de explicações à medida que ela é reproduzida (BENJAMIN, 1979, p. 61).

O ato de contar histórias tem se tornado uma prática pouco comum ou quase inexistente. Perdemos o sentido mais primário que essa linguagem propícia: de agrupar pessoas, aproximar e compartilhar ensinamentos, os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, e na educação infantil não é diferente, reafirmar as histórias orais como práticas de incentivo à leitura tem se mostrado um grande desafio para o educador pois,

A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2013, p.94).

Pensando nisso, o projeto “Contos que Encantam” buscou proporcionar momentos de incentivo à leitura a crianças da Educação Infantil por meio da contação de histórias, explorando seus sentidos, ao instigar a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentivando o gosto pela leitura, contribuindo na formação da personalidade da criança envolvendo a dimensão social e a afetiva, possibilitando às crianças a adquirirem referências leitoras pelo prazer de ler e o sentido de valor pelo livro, tendo em vista que

[...] a vivência é parte essencial da tradição oral. A criança sabe colocar seu corpo no centro dessas vivências. Os corpos das crianças registram sentimentos, brincadeiras, acontecimentos. Podemos dizer que elas sentem as palavras (se são duras, moles, etc.), elas degustam as palavras (se são amargas, doces, etc.) elas brincam com as cores, os sons e geram novas e incríveis palavras (GOMES, 2012, p. 32).

Partindo do pressuposto de que a nossa construção subjetiva se dá a partir dos agenciamentos coletivos de enunciação (GUATARRI; ROLNIK, 2013), que nos constituímos através de nossas vivências e experiências produzidas com e a partir do outro, no compartilhar das histórias, dos ensinamentos, das leituras, dos sons e cheiros e que as crianças são sujeitos históricos e de direitos, tendo como objetivo central a valorização do ato de contar histórias enquanto experiência de

cultura,

[...] nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

Buscamos desenvolver o nosso projeto em espaços escolares e não escolares, utilizando a história oral como metodologia de trabalho, ao remeter as recordações vividas na infância onde pais e avós contavam aos seus filhos e netos histórias, contos e fábulas, dando vozes a príncipes, princesas, monstros, bruxas e animais que podem (aparentemente) ser de personagens de lugares e tempos distantes, mas que vão, de alguma forma, dialogar com o nosso aqui-agora; levando a criança a enriquecer suas experiências infantis, desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança, proporcionando a ela viver o imaginário e a criatividade.

Nesse sentido, as ações do projeto de extensão “Contos que encantam” se justificam por causa da necessidade de formar leitores desde a infância, para que se tornem cidadãos críticos na sociedade em que vivem, a fim de que as histórias sejam percebidas como possibilidade de produção de sentidos, para que a leitura não seja vista como uma simples obrigação escolar, e que ela esteja presente na vida das crianças para além dos muros escolares, já que

[...] ouvir histórias é uma experiência agradável e proveitosa, sob diversos pontos de vista. Mesmo que, eventualmente, alguma palavra ou frase não seja compreendida pela criança, o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que a faça pensar, faça sonhar. Esta é a maior riqueza da literatura infantil (CARVALHO, 2008, p. 88).

Outro aspecto sobre a relevância das atividades entorno das narrativas por meio da contação de história é a capacidade formadora das narrativas orais de histórias que compõem a literatura. Segundo Coelho (2002, p. 13).

[...] a literatura infantil é o ponto de partida para a formação de crianças leitoras e escritoras competentes e, por este motivo, é preciso dar-lhes oportunidades de encontrar diferentes portadores de textos (contos, lendas, fábulas, histórias curtas, parábolas, histórias em quadrinhos, histórias por imagens, poemas, quadras) a fim de que possam desde o início da escolaridade, ter contato frequente com a língua escrita, sem destituí-la de toda a sua riqueza e complexidade. Mesmo sabendo que a criança, quando chega à escola, ainda não sabe ler, o professor, como mediador, deve propiciar-lhe esta vivência prazerosa.

A partir dessa perspectiva, apresentamos a seguir alguns aspectos que nos chamaram a atenção no desenvolvimento do projeto entre 2014 e 2015, em diferentes espaços, a saber: no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Praia do Canto em Bento Ferreira, no Centro Municipal de Educação Infantil Jacyntha em Goiabeiras, no Centro Municipal de Educação Infantil Rubens Duarte em Alto Itararé e por fim na CRIARTE (Escola Educação Infantil da UFES). Revelando assim nossas expectativas, percepções e desafios sobre a experiência de contar histórias em espaços escolares e não escolares.

O PERCURSO DAS AÇÕES DO PROJETO

É importante ressaltar que as ações do projeto se sustentaram nos pressupostos estabelecidos pelas orientações curriculares nacionais, assumindo como eixos norteadores as interações e brincadeiras com vistas a garantir a ampliação das experiências das crianças (BRASIL,

2010). Considerar esses eixos nos possibilitou criar um planejamento que buscou ampliar o espaço/tempo para que a criança não perca sua característica de ser lúdico, criativo, imaginante, poético, barulhento, características que fazem parte das culturas infantis (PINTO; SARMENTO, 1997 apud REDIN, 2007).

Uma das experiências mais significativa foi no CRÁS de Bento Ferreira, ao preparar um planejamento para crianças de 3 a 7 anos, que continha histórias com dobraduras (Mário Marinheiro), histórias acumulativas (História da Coca), e teatro de fantoches (Bonequinha Preta), que seria o ponto alto de nossa intervenção/apresentação naquele espaço. Ao chegarmos no espaço nos deparamos com um público muito grande de adolescentes, que se mostraram receosos e pouco receptivos com a ideia de uma apresentação de Contação de Histórias, talvez por acharem que se tratava de algo próprio de crianças, uma preocupação também expressa pelo nosso grupo.

Porém, na medida em que fomos tecendo as palavras, eles iam se deixando levar pelas narrativas que faziam circular afetos, agindo como uma espécie de “atrator de afetos” ou “atrator caótico”, que os levava a viajar por um “[...] mundo desconhecido, de fazer acontecer o contato, de possibilitar a intimidade, de acompanhar, e mesmo de arrastar consigo, de puxar. Não para junto de si” (KASTRUP, 2001, p. 26), mas para junto das histórias contadas, se deixando levar pela fluidez das narrativas, explorando as potências presentes no momento, ao instaurar redes de afetos, subvertendo as relações de poder e desconfiança do desconhecido.

Foto 1 – Atividade de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores⁶².

A memória afetiva, então, apreende os sentidos (os signos) da realidade, apropriando-se da linguagem e atualizando-a até o reconhecimento. O brincar com as palavras é um dos componentes da memória afetiva, pois, com seus ritmos e rimas, com suas sugestões carregadas de humor e fantasia, propicia a interação com as crianças, abre um mundo fascinante para elas (GOMES, 2012, p. 29).

Esse fascínio foi percebido nas crianças e adolescentes presentes, e nos fizeram perceber a potencialidade das narrativas, uma vez que mesmo as crianças trazendo em suas falas ao final da apresentação que nós que estávamos manipulando os bonecos se deixaram conduzir durante toda a apresentação pelo “[...] poder da sedução, mágico (quase hipnótico) e sedativo da palavra para construir sua história, por mais inverossímil que possa ser” (NKAMA, 2012, p. 261).

⁶² As fotografias apresentadas ao longo do artigo seguem uma estruturação diferenciada das normas vigentes por opção dos seus autores e, com isso, fazem parte do acervo dos mesmos, ao retratar momentos vivenciados no projeto “Contos que Encantam”, uma ação de extensão vinculada ao Programa de Educação Tutorial - PET Licenciatura-UFES, entre os anos de 2014 a 2015.

Foto 2 – Atividade de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Outro aspecto que pôde ser observado em nossas andanças pelo mundo das narrativas se deu na educação infantil no grupo 5 da CRIARTE, onde desenvolvemos um trabalho mais pontual envolvendo a literatura capixaba, evidenciando as histórias e narrativas produzidas no Espírito Santo, a fim de propiciar às crianças identificação com esses autores, buscando valorizar os saberes, a oralidade e a história de nosso estado e comunidade, em diálogo com os demais saberes produzidos por outros estados e países, tendo em vista que a narração oral é outra maneira de ‘construir pontes’, conectar uma cultura a outra, gerar encontros.

Foto 3 – Atividade de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Durante o projeto na CRIARTE, utilizamos como recursos metodológicos a simples narrativa, que não requer nenhum recurso/acessório que se processa por meio da entonação de voz do narrador, de sua postura, promovendo a valorização da tradição oral; os livros, que faziam com que as crianças se achegassem cada vez mais para observarem as ilustrações a ponto de quase nos sufocar e arrancar de nós o livro. Ao final das histórias circulavam de mão em mão, e que segundo relatos das professoras eram solicitados na biblioteca e em outros momentos de rodas de leitura; utilizamos também fantoches e teatros que se difere da contação de histórias, pois o

[...] narrador, diferentemente do ator, não incorpora um personagem, mas o vive ‘brevemente’ em sua narrativa. Da mesma forma, a narrativa não utiliza a quarta parede do teatro, mas sim a comunicação direta com o público (PÉREZ, 2012, p. 153).

Havia também momentos em que as crianças eram incentivadas a recontar as histórias, que criavam outros personagens, produziam sentidos atravessadas pelas suas experiências e leituras anteriores ao passo que ao nos deixarmos conduzir sentíamos as intensidades de sua produção ao expressar suas marcas, sua história, que “[...] É isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras” (LARROSA, 2002, p.21). Palavras estas que nos revelam traços de suas subjetividades que “[...] colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (BENJAMIN, 1979. p.58).

Foto 4 – Atividade de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Dessa forma, o processo de recordarmos e contarmos histórias é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história a nós mesmo ou a outros.

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (THOMSON, 1997, p. 57).

Trabalhar com a oralidade exige, portanto, trazer à tona narrativas que não seguem uma linearidade, envolvidas em um processo contínuo de reconstrução e transformação das memórias coletivas e individuais que cria subjetividades na medida em que tomamos consciência do eu e do outro no compartilhar de histórias e

experiências, que se constitui como a arte da memória que é “[...] sempre o reencontro com a tradição efetuada pelo exercício social da oralidade” (GOMES,2012, p.26).

A oralidade segundo Certeau, Giard e Mayol (1996), se encontra em toda parte, e conserva um papel primordial em nossa sociedade, mesmo que esta venha dar grande espaço para a escrita para memorização das tradições e circulação de saberes.

A oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios [...] uma cidade respira quando nela existem lugares de palavra, pouco importa sua função social - o café na esquina, a praça do jornaleiro, o portão da escola na hora da saída (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 337).

Ao trabalharmos com a literatura capixaba, abrimos também a possibilidade para que as crianças se identificassem com as histórias de lugares conhecidos por elas a exemplo as lendas do Pássaro de Fogo, Fantasma do Convento e Sereia de Meaípe, e que se percebessem também como agentes de enunciação, autores de suas próprias histórias, já que os autores que antes viam nos livros como pessoas distantes e muitas vezes irreal, se mostraram cada vez mais próximo, evidenciando segundo Gallo (2012), uma territorialização dos indivíduos no sentido macrossocial ou coletivo, e microssocial ou individual ao produzir territórios, que seriam os cenários, e os atores, que seriam os indivíduos, que se assentam nesse território já definido.

[...] o território social permite e possibilita o (re) conhecimento, a construção do sujeito, a percepção do “eu”, pois fornece um panorama, um cenário que condiz perfeitamente com a percepção individual de cada um, pois mesmo essa percepção “individual” é socialmente produzida (GALLO,2012, p.21).

Fotos 5 e 6 – Atividade de contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Nesse sentido, o agenciamento coletivo de enunciação evidenciado por Guatarri e Rolnik (2013) nos remete a uma subjetividade produzida, maquinica, essencialmente fabricada, recebida, consumida e modelada, que foram percebidas no decorrer de nossas vivências na CRIARTE, da qual as crianças externava e compartilhavam as histórias escutadas com os seus pares em momentos de brincadeiras e nos diálogos que precederam nossos encontros, e ao mesmo tempo que internalizaram as histórias.

Os processos de subjetivação ou semiotização não

são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.39).

Fotos 7 e 8 – Atividade de contação de histórias.

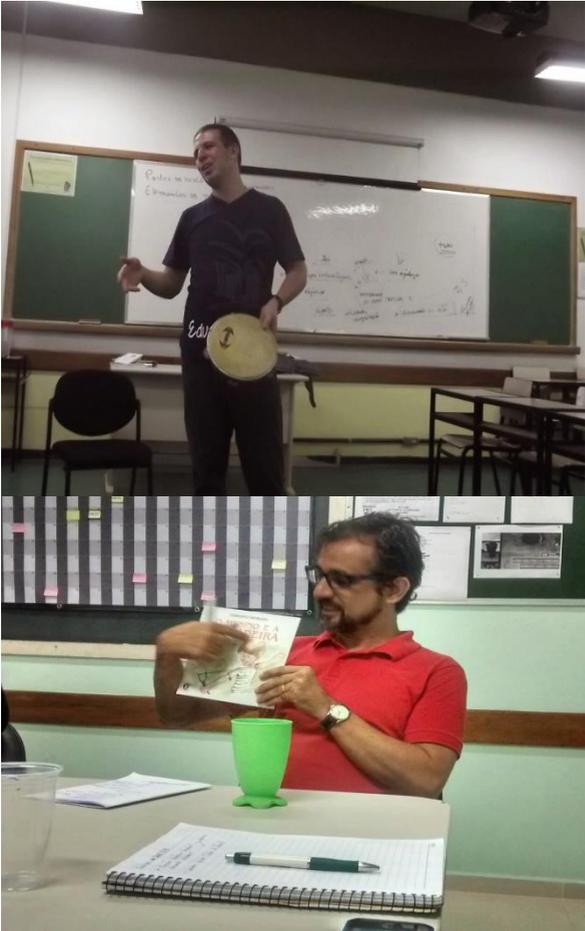


Fonte: Acervo pessoal dos autores.

As crianças através do projeto também conheceram alguns escritores capixabas pessoalmente, onde puderam fazer perguntas

acerca dos livros produzidos e histórias contadas e também acerca da profissão, cidade de residência e vida pessoal desses escritores, que se surpreenderam ao saber que a maioria das crianças já tinham algumas dessas informações.

Fotos 9 e 10 – Atividades de formação no campo da contação de histórias.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Se faz necessário também ressaltar que contar histórias como toda arte requer o conhecimento de técnicas e segredos, mesmo que ela se apresenta em muitas pessoas como algo intrínseco, natural e de

certa tendência inata, é necessário que seja desenvolvida e cultivada, no compartilhar de ideias, no ouvir o outro. Sendo assim, na perspectiva de melhorar qualificar as ações do Projeto Contos que Encantam, estabelecemos parceria com contadores de histórias que compartilharam conosco técnicas, segredos e histórias por meio de oficina ministradas, esse movimento de qualificação da equipe do projeto, foi composta por dois momentos o primeiro com as contribuições do professor Me. Eduardo Valadares que ministrou a palestra intitulada “Literatura e Formação do Professor”, e o segundo momento pelo professor Dr. Fabiano de Oliveira Moraes, que realizou uma roda de conversa sobre a arte de contar histórias.

Essas duas experiências formativas, mostraram-se muito importante, pois a qualidade das narrativas tem um efeito na maneira como as crianças se apropriam das histórias. De certa forma, o contador empresta sua fala e seu repertório narrativo para produzir no outro experiências de sentidos múltiplos, por isso podemos afirmar que, “Ver o entusiasmo das crianças, que nos ouvem atentamente quando contamos histórias, é uma emoção tão gostosa que vale a pena investir um pouco de tempo e esforço para aprender essa arte” (CARVALHO, 2008, p. 88).

Tais movimentos nos possibilitaram ampliar nossa percepção acerca da contação de histórias como também nos impulsionou a buscarmos um maior preparo, a dispor um tempo maior para selecionarmos as histórias e as estratégias usadas para cada situação, e também dispor de tempo para a pesquisa, memorização e leitura das histórias, já que,

O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática (SILVA, 1997, p.13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As muitas experiências vivenciadas ao longo do projeto nos levaram a confirmar a percepção que temos desenvolvido sobre a importância das narrativas orais por meio da contação de histórias, ou seja, a contação de história é uma ferramenta imprescindível para a formação de leitores críticos e para tal é necessário começar desde o início do processo de escolarização, pois se trata de um processo a longo prazo cabendo não só aos professores a mediação desse processo como também os pais e familiares, abrindo possibilidades para que as crianças experiencie o contato com os livros em suas diferentes formas de apresentação seja ela oral ou escrita. Diante disso, fica o desafio de,

[...] formarmos multiplicadores, promovendo a tradição oral e, por meio dela, a leitura, com pessoas conscientes do valor e do poder do ato de narrar histórias: uma atividade possível de ser enriquecida com adereços e outras artes e de acontecer em qualquer espaço, instituição, cidade, sem necessidade de grandes estruturas. Uma atividade interativa, carregada de significados, algo fundamental em nossa sociedade (BANDINI, 2012, p.92)

Finalmente, concluímos que o ato de narrar histórias se constitui como uma das mais antigas tradições da sabedoria popular, que traz consigo uma vasta experiência humana, capaz de transfigurar o cotidiano, de transmitir ensinamentos, transpor barreiras, divertir e emocionar, inculcar conhecimento, emancipar, possibilitando o reconhecimento do sujeito por meio das relações produzidas com e a partir da cultura, tempo e espaço dos seus territórios sociais, equipando-nos desde a mais tenra idade com ferramentas que nos ajudarão a enfrentar as dificuldades da vida diária, utilizando a força das palavras para inculcar o valor do diálogo, considerando a importância da oralidade para a construção das relações sociais, que diante disso, deve ser preservada.

[...] a literatura infantil é o ponto de partida para a formação de crianças leitoras e escritoras competentes e, por este motivo, é preciso dar-lhes oportunidades de encontrar diferentes portadores de textos (contos, lendas, fábulas, histórias curtas, parábolas, histórias em quadrinhos, histórias por imagens, poemas, quadras) a fim de que possam desde o início da escolaridade, ter contato frequente com a língua escrita, sem destituí-la de toda a sua riqueza e complexidade. Mesmo sabendo que a criança, quando chega à escola, ainda não sabe ler, o professor, como mediador, deve propiciar-lhe esta vivência prazerosa (COELHO,2012, p.13)

REFERÊNCIAS

BANDINI, Alice. Rumo de uma escolha- A arte de contar histórias e a Biblioteca Pública. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice. *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 79 a 95 e 103 a 60.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 142 p.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

COELHO, K. G. F. F. L. O faz-de-conta que faz bem. *Amae Educando*, Belo Horizonte, ano 35, n. 311, p. 1-13, out. 2002.

CORSINO, Patrícia. As brincadeiras com as palavras e as palavras como brincadeiras. In: CORSINO, Patrícia (Org.). *Educação infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. p. 49-67.

GALLO, S. Do currículo como máquina de subjetivação. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012. v. 2, p. 203-217.

GOMES, Lenice. Cantares e contares: brincadeiras faladas. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (Org.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo, Cortez, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicol. estud.*[online]. v. 6, n. 1, p.17-27, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

Revista Brasileira da Educação - ANPED, Rio de Janeiro, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins

(Org.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.

NKAMA, Boniface Ofogo. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade A formação do contador de histórias na África. In: MORAES, F.; GOMES, L. (Org.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012.

PEREZ, Elvia. Narração oral ou teatro? A arte de contar histórias e o teatro. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012, 153-174.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória – questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: ANTONACCI, Maria Antonieta e PERELMUTTER, Daisy (Org.). *Projeto História – ética e história oral*. São Paulo: PUC/SP, 1997.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). Ilustrações Tati Moés. *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.